



Ana Ribeiro

CEHUM-Universidade do Minho

A correspondência de João de Araújo Correia: 40 anos da vida de um escritor

Escrevo cartas às dúzias, e escrevo-as como respiro.

Carta a João Bigotte Chorrão, 06/02/1979

Autor de mais de três dezenas de títulos, onde sobressaem os volumes de contos e crónicas, e médico bastante solicitado, João de Araújo Correia foi também um epistológrafo convicto. O eremitério onde romanticamente se diz retirado facultava-lhe a condição essencial para o exercício desta prática, pois a carta, nas palavras de Ricardo Piglia (*apud* Alselmi, 2018: 102) “é um género perverso: tem necessidade de distância e ausência para prosperar”. Neste contexto, e como Kaufmann assinava (*apud* Alselmi, 2018: 89), as missivas

produzem uma ilusão de aproximação, reforçando antes o afastamento físico entre os correspondentes. Ao conceber a carta como “conversa escrita” (Correia, 1974: 77), o contista durienense torna parente esta ambivalência.

A importância conferida pelo escritor à correspondência traduziu-se na constituição de arquivos. As cartas de que foi destinatário encontram-se catalogadas nas gavetas de um arquivo de metal, semelhante aos que existiam nas bibliotecas antes dos catálogos *on line*. As missivas de que foi remetente não lhe mereceram menos cuidado. Como diz numa carta a Bigotte Chorrão (06/02/1979), “Guardo cópia das cartas que expeço. Daí resulta que tenho em arquivo um grande epistolário: “Este epistolário encontra-se compilado em volumes organizados por anos, do que resultou uma coleção de vários tomos. Graças ao zelo de Araújo Correia, quem estiver interessado em estudar a sua correspondência tem, portanto, a tarefa facilitada. Acresce que ela está, na sua maioria, datilografada, particularidade que o autor explica pela necessidade de obstar aos inconvenientes da sua letra de médico. Esta preocupação traduz o desejo de assegurar uma leitura fácil e uma compreensão clara tanto ao seu leitor imediato, como ao leitor a haver: “Se a minha letra é tão confusa, que se pode considerar a anttese do dono, impenitente amigo da claridade, recorro à maquina ta de escrever para não deixar de ser eu.” (carta a Luísa Martínez, de 24/01/77).

O arquivamento tanto das cartas que recebe, como das cópias das que expece, revela a natureza metódica e organizada deste carteador, mas não só. De facto, o cuidado posto na salvaguarda da correspondência é merecedor de atenção por vários motivos, desde logo pelo que revela sobre o autor de *Montes pintados*.

O seu mestre, neste capítulo, como reconhece na já referida carta a Bigotte Chorrão, foi Castilho, o qual sugeriu a Camilo “que conservasse num copiador minuta das [cartas] que escrevia com tão grande sestro.” (Chorrão, 2009: 31). Tanto na prática epistolar, como no seu arquivamento, João de Araújo Correia segue a lição de dois autores do século XIX que lhe são caros, contrabalançando o desleixo do seu escritor dileto com o cuidado e a prudência do poeta ultrarromântico. Este comportamento não é de estranhar em alguém que declara: “Nasci no último ano do século XIX. Deveria ter nascido antes, a tempo de figurar como comparsa no grande teatro literário em que foram actores de primeira plana um Camilo, um Ramalho ou um Eça.” (Correia, 2015: 111).

Na mesma linha, manifestando a sua fidelidade a hábitos de outros tempos, escreve a Bigotte Chorrão: “a epistolografia é hoje uma saudade nos costumes literários. Mas, em mim, não é saudade. É ainda evidência.”. Nesta simples declaração, o escritor assinala mudanças na sociabilidade literária, fruto certamente de novas condições

de vida, as quais não terão deixado de afetar o comportamento dos escritores. Em contracorrente, o escritor-médico sacrifica o seu descanso para prestar o seu tributo a Mercúrio: “Levantei-me às 2 da madrugada para escrever cartas.” (carta à filha Virgínia, de 01/07/72).

Afficionado do género, João de Araújo Correia publica algumas crónicas em que se revela leitor e comentador de cartas publicadas ou mesmo editor de cartas que o acaso lhe colocou na mão. Outras vezes, demonstrando consciência do valor destes textos, incita à sua publicação, como sucede em “Lamparina aldeã” (1969: 107-110), a propósito das cartas enviadas por Camilo Pessanha ao pai, apelo que repete em “Correspondência”, crónica de teor metatextual publicada em *O co-mércio do Porto* em 1969 e recolhida em *Po levantado* (1974). Nela refuta a classificação da carta como género menor, pois “Não há género menor se for tratado com o devido pulso” (1974: 76). Menciona também alguns dos seus autores canónicos: o Padre António Vieira, Hercúlio, Antero, Trindade Coelho. Traça a evolução do género ao comparar as “cartas de ontem” com as “cartas de hoje” e sublinha que, nas cartas, “É preciso ler nas linhas e nas entrelinhas.” (1974: 77).

Ao constituir o seu copiador, Araújo Correia dá o primeiro passo para a publicação futura do seu epistolário, ou seja, cria condições para que as suas cartas permaneçam para além da

situação concreta em que surgiram e cheguem a outro(s) público(s) e desempenhem outras funções diferentes das originais. Pela cópia, a carta enviada a outrem não abandona o seu autor, que assim mantém a posse e o controlo sobre algo que lhe poderia escapar a partir do momento em que saísse das suas mãos. Não é por acaso que, numa carta à nora de Trindade Coelho, declara: “Sempre ouvi dizer que uma carta pertence a quem a escreveu ou a herdeiros de quem a escreveu.” (Carta a Maria Christina Trindade Coelho, de 25/7/61).

Embora na crónica incluída em *Pó levantado* afirme “[ter sido] sempre bastante epistológrafo” (1974: 75), apenas podemos contar com o registo das suas missivas a partir de 1941, altura em que contava 42 anos. Eis pois o autor, mais uma vez, a tomar a rédea do seu epistolário, instituindo o seu início, gesto que se nos afigura singular, já que apenas está ao alcance daqueles que, recorrendo à linguagem da informática, admistram o seu arquivo. Por outro lado, para os interessados na correspondência de João de Araújo Correia, encontrar cartas anteriores a esta data é um grande desafio, pois a dificuldade da sua localização não deixará de se refletir no seu valor pecuniário.

O testemunho da correspondência de João de Araújo Correia prolonga-se até perto da sua morte, em 1985. Ao contrário do termo inicial, o final decorre de uma causa natural, não resultando,

portanto, de uma opção do autor. Sublinhe-se a persistência do escritor que, encetando o empreendimento *nel mezzo del camin*, a ele se manteve fiel quase até ao fim dos seus dias, como se o avançar dos anos não tivesse secado o vezo epistolar, nem retirado interesse às novas missivas.

No ano escolhido para iniciar o arquivo, publicou João de Araújo Correia os seus *Contos durienses*, terceiro título dado à estampa pelo autor (*Sem método*, 1938; *Contos bárbaros*, 1939), três anos depois de ter lançado a sua primeira obra. Parece que só depois de ter créditos firmados como escritor decidiu o escritor guardar as suas missivas, como se ser epistológrafo fosse indissociável da condição de escritor. O provável número crescente de correspondentes e o estatuto destes pode também ter pesado na sua opção.

Qualquer que tenha sido a razão que levou o autor de *Sem método* a recorrer ao copiar apenas a partir de determinada altura da sua vida, tal decisão não se nos afigura isenta de consequências: desde logo, na questão da espontaneidade das cartas, do seu caráter confessional. Por outro lado, e em íntima conexão com isto, as cartas não serão codificadas a pensar apenas no seu receptor imediato, mas também em potenciais receções posteriores. Quer isto dizer que o seu destinatário é, na realidade, múltiplo, pertencente a tempos diferentes, conhecido e adivinhado. Justifica talvez cuidados adicionais com

a sua imagem. Não se trata, por conseguinte, de textos destinados ao espaço íntimo que são, inesperadamente e à revelia do seu autor, catapultados para o espaço público.

Atribuindo à carta um caráter documental, a publicação é, de facto, o destino previsto para a compilação levada a cabo: “Quanto à correspondência, que V (...) tanto aprecia, tenho-a toda copiada numa porção de volumes. Se os meus herdeiros a não menosprezarem, poderão extrair, de todos esses papéis, um ou mais livrinhos curiosos como testemunhos da minha época.” (Chorão, 2009: 32). E aqui tocamos num

tema que o nosso epistológrafo muito prezava: a preservação do passado. Na carta a Bigotte Chorão já mencionada, acrescenta um propósito pessoal ao seu empreendimento: “Se depois da minha morte, houver quem joieire e publique, dará de mim novo testemunho e algum espelho da minha época..” Ao arquivar a correspondência, o escritor começou a preparar a sua posteridade, procurando manter-se editorialmente ativo após o seu desaparecimento físico, altura em que não só poderiam ser revelados estes textos, mas também, através deles, facetar suas pouco conhecidas. Tal depende da colaboração de terceiros, para quem transfere a responsabilidade da seleção, reconhecendo implicitamente que nem todas as

missivas servirão para alcançar os objetivos que pretende.

Neste legado aos vindouros reuniu o autor não só cartas propriamente ditas, mas também outras formas de comunicação por escrito, como telegramas, cartões de visita ou bilhetes postais. O caráter exaustivo destas recolhas sugere que o escritor nada pretende perder da sua prolífica atividade de epistológrafo, sejam quais forem os géneros utilizados.

Qualquer que seja o suporte utilizado, os destinatários são muito diversificados. Podemos identificar um núcleo de correspondentes ligados à escrita, no qual se incluem escritores, candidatos a escritores, críticos literários e editores. Não podiam também faltar as missivas dirigidas a colegas médicos e a chefias de certos organismos. A correspondência pessoal não está excluída deste acervo, no qual se incluem mensagens enviadas a amigos e a familiares. Parece ter sido intenção do médico-escritor recolher toda a sua correspondência, independentemente da sua qualidade estética, dos destinatários ou dos temas abordados, possíveis critérios a utilizar na gestação dos tais “livrinhos curiosos” sonhados pelo incansável carteador.

Para já, excluindo uma ou outra brochura¹, o que temos são volumes fragmentários cuidadosamente elaborados – têm páginas numeradas e índice

70 *Correspondência entre João de Araújo Correia e Rogério Reis, seguido de O Fundo bibliográfico Rogério Reis* (2019). Cadernos da Biblioteca de Vila Real, nº13. Vila Real: Biblioteca Municipal de Vila Real

– onde o calendário dita sequências aleatórias de temas, destinatários ou gêneros. Se se tornam de certa maneira monótonos porque a voz que nos chega é sempre a mesma – desaparece o diálogo como consequência da separação entre a correspondência enviada e a recebida-, não deixa de haver uma certa vivacidade resultante dos diversos papéis representados por esta voz: a do pai extremoso, a do amigo solidário, a do crítico benevolente ou não, a do autor que responde a um pedido de colaboração, a do médico que se aconselha com um colega, a do cidadão inconformado, a do empresário preocupado com a sobrevivência da sua editora. Enfim, através das cartas e dos seus parentes chegam-nos instantes da vida de um homem que também foi escritor.

Bibliografia

- Alselmi, A. L. (2018). *O escritor à paisana: a voz literária na correspondência de Caio Fernando Abreu* (Tese de doutorado não publicada). Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154262> em 29/04/2022
- Chorão, J. B. (2009). Um diálogo por escrito. *Geia*, 1, 28-33
- Correia, J. de A. (2015). *Manta de farrapos* (2ª ed.). Lisboa: Âncora
- Correia, J. de A. (1974). *Pó levantado*. Peso da Régua: Imprensa do Douro
- Correia, J. de A. (1969). *Ecos do país*. Peso da Régua: Imprensa do Douro